

Uma ouriça

Se o de longe esboça lhe chegar perto,
se fecha (convexo integral de esfera),
se eriça (bélica e multiespinhenta):
e, esfera e espinho, se ouriça à espera.
Mas não passiva (como ouriço na loca)
nem só defensiva (como se eriça o gato);
sim agressiva (como jamais o ouriço),
do agressivo capaz de bote, de salto
(não do salto para trás, como o gato):
daquele capaz do salto para o assalto.

2

Se o de longe lhe chega (em de longe),
de esfera aos espinhos, ela se desouriça.
Reconverte: o metal hermético e armado
na carne de antes (côncava e propícia),
e as molas felinas (para o assalto),
nas molas em espiral (para o abraço).

João Cabral de Melo Neto
(A educação pela pedra, 1966)

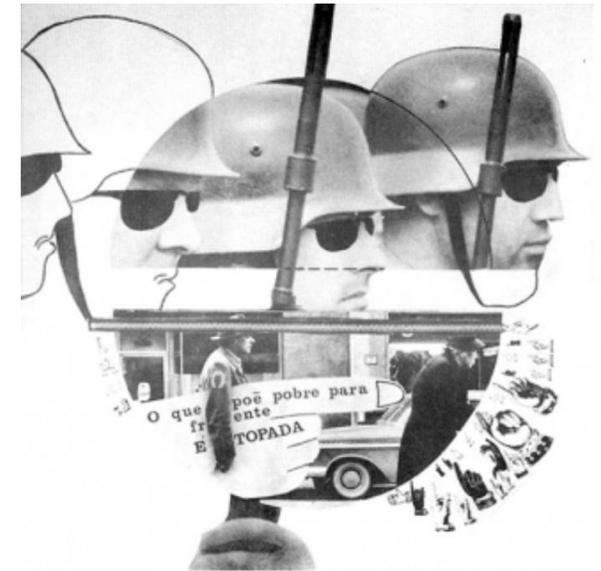
Numa azáfama constante

Os negócios não os deixam descansar
De noite fazem conta de dia galopam
A sua vida é uma azáfama constante
Desconhecem que sobre as suas casas o céu é azul

Dai Fugu (c. 1198)
[trad. Jorge Sousa Braga]

fique de olho na revista **Intempestiva** (editora Urutau), que acaba de chegar ao mundo | dia 21.5 tem lançamento da Diana Junkes, **asas plumas macramê** (editora Laranja Original), no bar Canto Madalena | dia 18.5 tem **Poesia expandida** com o Coletivo Balbúrdia, na Virada Cultural da Casa das Rosas | já comprou seu exemplar de **Sobre poesia, ainda: cinco perguntas, cinquenta poetas** (Lumme Editor)? | Reynaldo Damazio lançará, em breve, **um móbile de calder na mente**, longo poema, pela Última Inocência Edições | dia 1.6 tem lançamento do Pádua Fernandes, **canção de ninar com fuzis** (editora Urutau), na Patuscada | **a galope**, de Piero Eyben, é o primeiro título da C14 casa de edição, um poema de 2018 versos cruzando o ano fatídico | não deixe que os livros da **Nosotros Editorial** desapareçam antes de catar os seus | dia 25.5 tem **Vozes Versos**, na Tapera Taperá, com Caio Meira, Marcelo Montenegro e Simone Brantes | a propósito, já viu as plaquetes do **Vozes Versos**? foram lançadas 16 pela **Quelônio**, com 50 poetas, e já são 4, com outros 12 poetas, pela **martelo casa editorial** | a revista **Meteoro**, da Corsário-Satã, está chegando | o livro da Eileen Myles, **Por qual árvore espero** (editora Jabuticaba), com poemas traduzidos por Mariana Ruggieri, Camila Assad e Cesare Rodrigues, é um joia | já está na gráfica o livro novo da Dalila Teles Veras, **Tempo em fúria**, da Alpharrabio Edições: bela pancada! | já viram a antologia **Querem nos calar** (editora Planeta), que reúne poemas de 15 mulheres slammers? abra o ouvido | dia 22.5 tem lançamento do Guilherme Gontijo Flores, **História de Joia** (editora Todavia), na Tapera Taperá | dia 23.5 começa o ciclo **Algaravia! poesia na Mário e nos bairros**, com Ricardo Aleixo, Bianca Gonçalves, Dirceu Villa e Paloma Franca Amorim, na Biblioteca Mário de Andrade e noutras bibliotecas municipais nos bairros de São Paulo | Apareça.

FLUXOS, zine de poesia, é editado por
Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo
SP | *tiragem incerta* | *reprodução livre*



Wladimir Dias-Pino
(Brasil meia-meia, 1966)

Sempre me pedem poemas inéditos

Sempre me pedem poemas inéditos.
Ninguém lê poesia
mas me pedem poemas inéditos.
Para a revista, o jornal, a performance,
o encontro, a homenagem, o sarau:
um poema, por favor, mas inédito.
Como se soubessem de cor tudo que escrevi.
Como se estivessem fartos da minha poesia
e agora precisassem de algo inédito.
A poesia sempre é inédita, disse o poeta num poema,
mas eles o ignoram porque não leem poesia,
apenas pedem poemas inéditos.

Fábio Morábito
[trad. Tarso de Melo]

«Se você sentir necessidade de se exprimir reunindo pedras e
ferros-velhos encontrados em poetas lidos pode mandar.
Sempre há tempo e portas abertas para você.» *João Cabral de*
Melo Neto, carta para Manuel Bandeira em 17.02.1948

Each man
has a way to betray
the revolution
This is mine

Leonard Cohen

Chacun
a sa façon de trahir
la révolution
Voici la mienne

[trad. Dashiell Hedayat]

Cada um
tem seu jeito de trair
a revolução
Este é o meu

[trad. Paulo Ferraz]

Caro Detento,

Eu também amo. Rostos. Mãos. A circunferência
Dos carvalhos. Eu confesso. Não ter feito nada
Que você poderia usar. Nos tribunais. Encontrei.
Aquela enjoativa e doce ambrosia da esperança.
Irreparável
Sena de tristeza. Experiência expropriada.
De você. Eu abriria. O mistério
Do seu nascimento. Para você. Eu sei. Nós podemos
Mudar. Saber. Muito bem. Saber.
Não é o bastante.
poesia tempo espaço morte
Eu pensei. Poderia escrever. Uma nota expiatória.
Não posso. Sim, é amargo. Cada pedaço, amargo.
O curso tomado pelo sangue. Todo o pensamento
Nos engana. Guia-nos, Luz (gentil).
Não obstante este túmulo. Seu jardim.
Esta cela. Sua casa. Quem está inexplicavelmente livre.

∞

Conte os dedos das suas mãos
Conte os dedos dos seus pés
Conte os buracos do seu nariz
Conte as bênçãos
Conte as estrelas (da sorte ou não)
Conte os seus trocados
Conte os quilômetros até a divisa do estado
Conte os carros no cruzamento
Conte as pulgas que você tirou do cachorro
Conte os seus cartuchos
Conte as pontas no chifre do veado
Conte as chaves do novato
Conte as camas que você pode alugar
Conte as suas cartas; corte-as outra vez

C. D. Wright
[trad. Marcelo Lotufo]

Amuleto

nem
trevo de quatro folhas
foto de filho, mãe ou marido
medalhinha da Virgem
lentilha do ano novo passado
bilhete de loteria
moeda furada
origami de pássaro
cordão umbilical
oração da prosperidade
mensagem de biscoito chinês
pirâmide de cristal
fitinha do senhor do Bonfim
folha de arruda
caroço de romã
olho grego
sachê de sal grosso
rosário bento
ou nota de dólar:

na carteira, dobrada em dois,
só a fotografia em preto e branco
de um pôr do sol em Marte

Leila Guenther

«Há momentos em que por meio de uma única palavra, uma
única rima, o escritor de um poema encontra uma forma de
chegar onde ninguém nunca esteve antes, ou ainda, onde
nem ele esperava chegar um dia. Aquele que escreve um
poema o faz, acima de tudo, porque escrever versos é um
extraordinário acelerador da consciência, do pensamento, da
compreensão do universo. Aquele que experimenta essa
aceleração uma vez não consegue mais abandonar a chance
de repetir essa experiência, caindo na dependência do
processo, como outros o fazem com drogas e álcool. Aquele
que se encontra nesse tipo de dependência da linguagem é,
acredito eu, o que chamamos de poeta.» *Joseph Brodsky,*
“Uma face incomum”, 1987.